ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

A CHECAGEM DE TRAÇOS FORMAIS E A ESTRUTURA DP: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO, O INGLÊS E O ITALIANO

The checking of formal features and structure DP: a comparative study of Brazilian Portuguese, English and Italian

Maria Fernanda Moreira Barbosa[i]
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a variação na marcação de número na relação entre determinante (D) e nome (N) nas línguas naturais. Tomando como base a proposta de Magalhães (2004), compararemos os dados do português brasileiro, do inglês e do italiano, com o intuito de estabelecermos possíveis semelhanças ou diferenças existentes na marcação de concordância de número no DP.

Palavras-chave: Concordância; Traços interpretáveis e não interpretáveis; Estrutura DP.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the variation in the number agreement between determinant (D) and noun (N) in natural languages. Based on the proposal of Magalhães (2004), we will compare the data from the Brazilian Portuguese, English and Italian, in order to establish possible similarities or differences in the marking of number agreement in DP.

Keywords: Agreement; Interpretable features and uninterpretable features; DP Structure.

Introdução

Muitos trabalhos da década de 1980 tentaram estabelecer a exatidão da hipótese DP, isto é, um sintagma estritamente formado por um determinante (D) que apresenta como seu complemento um NP. Dentre eles, Abney (1987) propôs que o sintagma nominal (NP) fosse inserido na estrutura sintática como um complemento de uma projeção funcional que ele denominou de sintagma determinante (DP). Partindo da proposta de Abney (1987), a concordância dentro da estrutura DP ganhou relevância nos estudos linguísticos, visto que até essa época Agr estava vinculada sobretudo à realização da concordância verbal. Até então, os trabalhos que versavam sobre a estrutura DP buscavam explicitar a manifestação de gênero e número no nome (N), deixando à margem a relação de concordância de gênero e número entre determinante (D) e nome (N).

Neste trabalho, analisaremos a variação na marcação de número na relação entre determinante (D) e nome (N) nas línguas naturais. Tomando como base a proposta de Magalhães (2004), compararemos os dados do português brasileiro, do inglês e do italiano, com o intuito de

estabelecermos possíveis semelhanças ou diferenças existentes na marcação de concordância de número no DP.

O texto apresenta-se estruturado da seguinte maneira: na seção I, expomos a evolução do traço AGR a partir da cisão de IP proposta por Pollock (1989). Na seção II, descrevemos o modelo de checagem de traços de Chomsky (1999; 2001). Na seção seguinte, analisamos a marcação de número em português, em inglês e em italiano e aplicamos o mecanismo de checagem de traços proposto por Magalhães (2004), que assume que o número é um traço interpretado em D. Por fim, apresentamos as considerações finais.

O traço de concordância a partir de Pollock (1989)

Ao tratar do processo de movimento do verbo em inglês e em francês, Pollock (1989) analisa as diferentes posições que o advérbio intraoracional, o quantificador e a partícula de negação podem ocupar nas cduas línguas, como nas sentenças apresentadas em (1):

(1)

(a) John <u>often</u> kisses Mary.
(b) Jean embrasse <u>souvent</u> Marie.
(c) My friends <u>all</u> love Mary.
(d) Mes amis aiment <u>tous</u> Marie.
(e) John does <u>not</u> eat chocolate.
(f) Jean ne mange <u>pas</u> de chocolat.

O autor discute a variação no posicionamento do verbo no inglês e no francês e assume que o advérbio/quantificador e o marcador de negação ocupam uma posição na periferia esquerda do SV, sendo a posição de base para todas as línguas. Pollock (1989) afirma que os advérbios do tipo **souvent/often** são modificadores do SV e estão numa estrutura de adjunção.

Note-se que em francês o verbo precede obrigatoriamente o advérbio (1b), enquanto em inglês o advérbio precede o verbo (1a). Assim, observa-se que a posição estrutural do advérbio é a mesma nas duas línguas, sendo que a diferença atribuída na ordem dos constituintes se deve à existência ou não de movimento do verbo para a flexão (IP).

Para dar conta da distribuição do advérbio e da partícula de negação no francês, o autor assume que o verbo se move para a flexão (IP), sendo este movimento obrigatório nas sentenças finitas e opcional nas frases infinitivas. No entanto, o autor argumenta que o movimento do verbo em inglês restringe-se aos auxiliares *to be* e *to have*, enquanto o

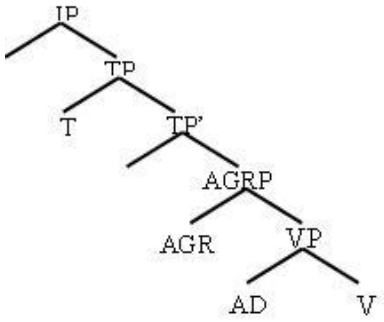
francês prevê o movimento de todos os verbos para a flexão (IP). Assim, para Pollock (1989), os verbos lexicais em inglês não sofrem movimento e somente os verbos auxiliares sobem para a flexão nesta língua, como nos exemplos expressos em (2):

(2)

(a) John *has* often kissed Mary.
(b) John *is* not happy.
(c) John *has*n't a car.
(d) John *has* often kissed Mary.

Até a essa época, acreditava-se que o verbo era gerado nu em VP e, em seguida, juntava-se a afixos presentes em IP para ser flexionado. Assim, na proposta de Emonds (1976), o afixo flexional movia-se de IP para VP para se anexar ao verbo e ganhar morfologia. Contrariando essa ideia de movimento do afixo, Pollock (1989) propõe que o verbo mover-se-ia de VP em direção a IP para adquirir flexão de tempo (T) e concordância (AGR), assumindo a existência de dois nódulos distintos. Com isso, os núcleos T e AGR projetariam os nódulos TP e AGRP, respectivamente. Logo, AGRP seria dominado por TP na árvore sintática, sendo atribuída ao primeiro nódulo a projeção dos traços de número e pessoa e ao segundo a projeção dos traços de tempo (T), conforme o exposto em (3):

(3)



Assim, Pollock (1989) advoga em favor da cisão do nódulo IP em dois níveis distintos que concentram os traços de tempo (T) e concordância (AGR), extinguindo a proposta de Emonds (1976), que considerava haver um único nódulo para abrigar os traços de tempo (T) e concordância (AGR) na camada flexional. Nas palavras de Novaes (2006), "a proposta de Pollock é de que a posição ocupada pelo verbo finito é o nódulo de tempo enquanto a posição ocupada pelo verbo não-finito é o nódulo de concordância". Deste modo, cada um desses nódulos gera uma posição disponível para o verbo se mover.

Na proposta de Pollock (1989), o fator que desencadeia o cmovimento do verbo nas duas línguas está na força do traço de

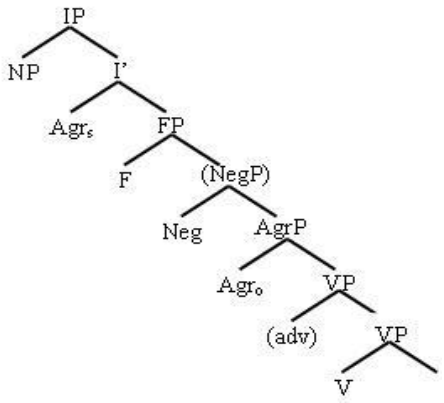
concordância, sendo AGR forte no francês e fraco no inglês. Portanto, o autor considera que as duas línguas diferenciam-se apenas pela riqueza morfológica da concordância, sendo transparente a transmissão de papel temático em francês, o que possibilita que todos os verbos desta língua movam-se para AGR, e opaca a transmissão de papel temático em inglês, o que faz com que somente os verbos auxiliares movam-se para AGR nesta língua.

Analisando o movimento do verbo em francês e em inglês, Haegeman & Guéron (1999) consideram que o movimento do verbo ocorre na sintaxe aberta em francês, ou seja, acontece na estrutura S. No entanto, em inglês, os autores assumem que o movimento do verbo ocorre na sintaxe coberta, isto é, acontece na forma lógica (LF). Os autores mencionam ainda que os verbos lexicais em inglês não podem subir para C, uma vez que não chegam a AGR. Entretanto, ao tratar das sentenças nominais, em consonância a proposta de Pollock (1989), Haegeman & Guéron (1999) afirmam também que em francês o traço de concordância (AGR) é forte, enquanto em inglês este traço AGR é fraco no seu nódulo DP.

Para Chomsky (1995), a operação de movimento no Programa Minimalista (doravante PM) tem a função de checar traços morfológicos como, por exemplo, os traços do verbo. Neste caso, o PM assume que o verbo já vem flexionado desde o léxico e sua relação com os núcleos funcionais AGR e T se dá através da checagem de traços. Assim, em francês o verbo sempre sobe antes de Spell-out para checar os traços de tempo (T) e resulta na ordem [V+ADV] nesta língua, visto que o traço forte motiva o movimento. Contudo, em inglês o verbo sobe depois de Spell-out e permanece em VP, uma vez que os traços verbais de tempo (T) são fracos nesta língua, resultando na ordem [ADV+V].

Chomsky (1995) postula ainda uma subdivisão do nódulo AGRP para dar conta não só da concordância entre sujeito e verbo, mas também entre verbo e o objeto. Assim, o nódulo AGRP desmembra-se em: AGRPs, responsável pela concordância de sujeito, ficando mais longe do verbo; e AGRPo, que abriga a concordância de objeto, estando mais próximo do verbo. Com isso, a árvore sintática evolui para o modelo apresentado em (4):

(4)



Com a postulação de condições de economia, o PM estende-se e algumas modificações tornam-se necessárias, eliminando-se, por exemplo, a criação de movimentos redundantes e princípios complexos. O PM então atribui maior destaque à convergência entre o sistema linguístico e os sistemas de desempenho – a forma fonológica (PF) e a forma lógica (LF). Nesse sentido, Uriagereka (2002, p. 26) afirma que o PM reduz os níveis de representação, passando de quatro para dois, para satisfazer o princípio da Navalha de Occam[1]. Assim, Chomsky elimina primeiramente a Estrutura Profunda (DS – *Deep Structure*), argumentando que as expressões são analisadas em LF:

> Nesse caso, os pressupostos especiais subjacentes à postulação da Estrutura-D perdem credibilidade. Como esses pressupostos não têm um apoio conceptual independente, somos levados a dispensar o nível da estrutura-D e a propriedade instantânea da operação Satisfazer, e a colocar em seu lugar uma teoria das transformações generalizadas para o acesso lexical. (CHOMSKY, 1995, p. 268).[2]

Posteriormente, a Estrutura Superficial (SS – *Superficial Structure*) passa a ser pensada como interna à teoria. A esse respeito, Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 9) argumentam que a Estrutura Profunda e a Estrutura Superficial podem ser excluídas sem nenhum prejuízo à representação. Os autores afirmam que Chomsky, ao se deparar com sentenças complexas, teve de assumir que a estrutura-D não existe, tornando-se necessário reassumir o conceito de transformações generalizadas. No entanto, em relação à estrutura-S, os autores apontam que sua eliminação satisfaz a noção de economia e argumentam que, ao analisar as questões de Caso e papel temático, não há movimentos, mas sim checagem de traços. Segundo Hornstein (2001), os traços fortes são

[1] Este princípio estipula que, se duas teorias dão conta de uma mesma quantidade de dados empíricos, aquela que tiver a menor quantidade de axiomas é a melhor.
[2] Tradução da autora

verificados antes do ponto em que a derivação se parte em LF e PF, enquanto os traços fracos são descartados em LF. Com isso, a binaridade permanece em torno da natureza forte ou fraca de um traço, não havendo diferença entre as línguas em LF, visto que os movimentos visíveis ocorrem antes de *Spell-out* e a derivação continua seu percurso até LF. Deste modo, a forma lógica (LF) é igual para todas as línguas e tudo se manifesta no nível fonológico (PF).

O PM também propõe que a interpretabilidade semântica dos traços formais seja determinada no léxico. O autor argumenta que somente as categorias funcionais de tempo (T), complementizador (C) e determinante (D) possuem traços interpretáveis, fornecendo informações para os níveis de interface (Sistema Sensório Motor e Sistema Conceptual Intencional). No entanto, Chomsky considera que a concordância (AGR) é constituída somente por traços não interpretáveis, ou seja, traços morfológicos que não têm propriedades semânticas. Consequentemente, não há relação direta com os níveis de interface.

A checagem de traços formais e a estrutura DP

No modelo de checagem de traços, Chomsky (1999, 2001) argumenta que a verificação de traços é realizada através da operação de movimento e os traços morfológicos não interpretáveis entram no sistema não valorados. Com isso, a operação *Agree* estabelece a relação de concordância entre os traços do núcleo e do constituinte no domínio de seu respectivo núcleo. Assim, no nível da sentença, *Agree* prevê um núcleo, atuando como uma sonda (*probe*), com traços ϕ não interpretáveis, sendo atraído por um alvo (*goal*) que contém traços ϕ interpretáveis. Deste modo, considera-se que os traços de gênero, número e pessoa, que são traços formais não interpretáveis nas categorias funcionais, devem ser eliminados antes de Spell-out. Com a aplicação de *Agree* através da checagem de traços, ocorre a eliminação dos traços ϕ não interpretáveis da sonda e do traço ϕ não interpretável de Caso do alvo, impedindo que a derivação imploda (*crash*) em LF. No entanto, Chomsky *apud* Simioni (2004) explicita que são necessárias algumas condições para que *Agree* aconteça: a sonda deve possuir traços não interpretáveis e comandar o alvo (o alvo deve estar no domínio completo da sonda); deve haver identidade entre os traços da sonda e o alvo; e, por último, o alvo deve estar ativo para o sistema, ou seja, deve possuir um traço não interpretável de caso a ser checado.

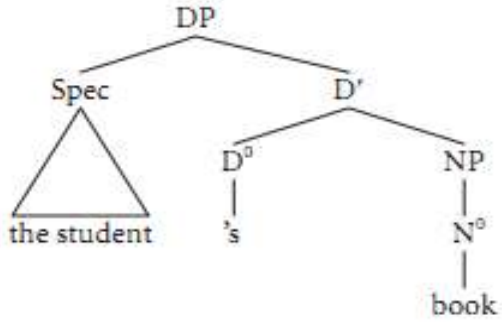
Segundo a autora, o sistema funciona da seguinte forma: a sonda busca um elemento nominal (N), alvo ativo no seu domínio de

complemento. Ao encontrá-lo, estabelece-se a relação de *Agree* com o alvo, quce checa e apaga seus traços não interpretáveis e, ao mesmo tempo, verifica o traço de Caso do alvo, que é não interpretável, e precisa ser eliminado antes de Spell-out.

Na literatura, Abney (1987) introduziu o termo *Determiner Phrase* (DP) na sintaxe de base gerativa para fazer referência a estruturas que contenham um determinante (D) na posição de núcleo e um sintagma nominal como complemento. O autor desenvolveu a hipótese de que o sintagma nominal é cabeça de um elemento funcional, identificado como determinante.

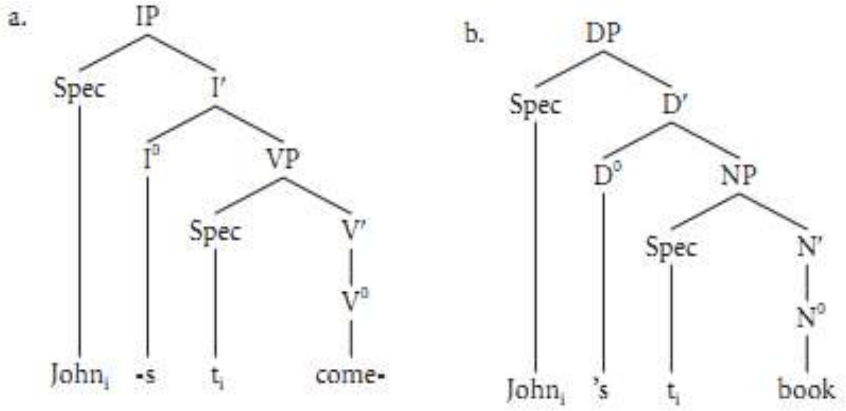
Segundo Abney (1987), uma projeção semântica é composta de uma projeção lexical máxima, e as demais projeções situadas acima da árvore sintática não intervêm com outras cabeças lexicais. O autor explicita que o determinante e a flexão apresentam funções semânticas semelhantes: o determinante especifica a referência de um sintagma nominal por selecionar um nome (substantivo ou adjetivo) e a flexão atua de modo semelhante em relação ao verbo. Observando as estruturas de genitivo em inglês, Abney (1987) constatou que o genitivo pré-nominal constitui o sujeito da sentença, enquanto o morfema de possessivo " 's " ocupa a posição de determinante. Deste modo, o Caso genitivo é atribuído ao sujeito no sintagma nominal da mesma forma que Infl atribui Caso nominativo ao sujeito da oração:

(5)



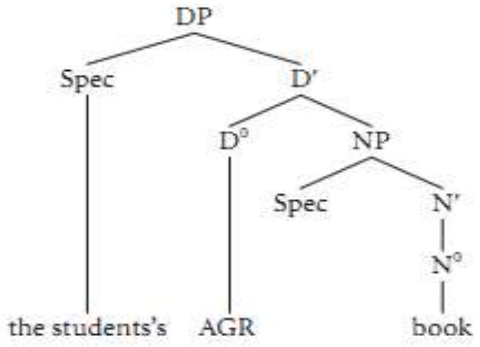
Fukui e Speas (1986) postulam que o sujeito da sentença, gerado na posição de base de especificador de NP, move-se para a posição de espcecificador de DP, sua projeção funcional. Com base nas semelhanças entre D e Infl, os autores constataram que o sujeito do sintagma verbal move-se de Spec em VP para IP, bem como o sujeito do sintagma nominal de Spec em NP move-se para DP, como podemos observar em (6):

(6)



No entanto, Abney (1987) propõe que D⁰ abrigue o morfema de possessivo e seja inserido um AGR vazio para atribuir caso genitivo ao possuidor DP (indicado pelo morfema " 's"), como vemos em (7):

(7)



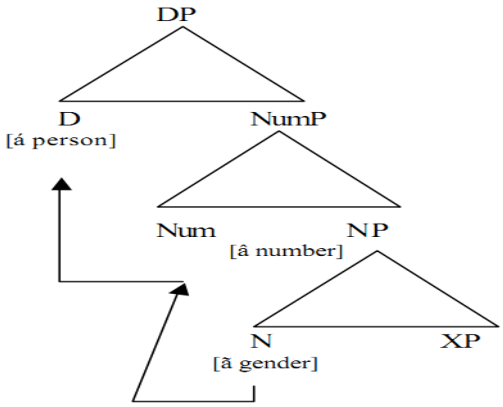
Note-se ainda que D⁰ abriga o marcador de concordância (AGR) e todo genitivo é gerado dentro do Spec de DP. A postulação do nódulo DP baseia-se principalmente no fato de que, em numerosas línguas, o sintagma nominal atua de forma semelhante a sentenças que apresentam concordância e atribuição de caso: (i) o nome possuído, assim como o verbo, concorda com o sujeito da sentença; (ii) o possuidor apresenta caso semelhante ao sujeito da frase.

Além de *Agree*, Chomsky (1999) postula a existência de outro mecanismo de concordância denominado Concord, em que a concordância funcionaria *in situ* (via *Merge*) somente no nível do sintagma. O autor explicita ainda que a concordância em DP é regida pela concordância em N.

Utilizando o mecanismo Concord, Carstens (2000) propõe que a existência de um nível intermediário entre NP e DP que seria representado por uma categoria funcional de número (NumP) e sua projeção (Num). Nesta abordagem, a autora considera que Num apresentaria traços interpretáveis de número, enquanto a categoria N possuiria traço

interpretável de gênero. No entanto, D teria traço interpretável de pessoa e apresentaria traço não interpretável de gênero e número, visto que, para receber estes traços, precisaria ocorrer um movimento, ou seja, o alçamento de N para Num e posteriormente para D, que possui traços não interpretáveis que precisam ser checados, como expresso em (8):

(8)



Magalhães (2004), pautada em Chomsky[3] (1999, 2001), apresenta uma proposta para a estrutura DP a fim de dar conta da variabilidade morfológica nas línguas naturais. A autora assume a proposta chomskyana para valoração dos traços formais em construções participiais, adotando a operação *Agree* para dar conta da concordância na estrutura DP e sugerindo ser desnecessário o mecanismo Concord.

Chomsky (1995, 1999) considera que o traço de número seja interpretável em N e não interpretável para os demais itens. No entanto, ao contrário de Chomsky (1995, 1999), Magalhães (2004) afirma que o traço de número é interpretável em D e não interpretável em N. A autora argumenta que o traço de número é sempre marcado morfologicamente no determinante (D), mas nem sempre nos nomes (N). Para comprovar este fato, Magalhães (2004) baseia-se nas análises de Abney (1987), Olsen (1989) e Longobardi (1994). A autora retoma a proposta de Abney (1987) com base em dados de línguas como o húngaro, o esquimó, o maia e o turco, que demonstram que o determinante (D) é o possuidor de traços formais de gênero, número e pessoa. Para o autor, no sintagma DP, D apresenta traços interpretáveis de número e não interpretáveis de gênero, concordando cocm a análise de Longobardi (1994) ao considerar que o determinante carrega o importe semântico de número, enquanto o nome possui traço de gênero interpretável e traço de número não interpretável.

[3] Nos textos de 1999 e 2001, Chomsky assume que os traços interpretáveis entram com valor especificado, enquanto os traços não interpretáveis entram sem valor especificado na derivação. Posteriormente, a operação *Agree* valora e apaga os traços não interpretáveis da sonda e o caso do alvo.

Ao retomar a proposta de Abney (1987), Magalhães (2004) a resume da seguinte forma:

> No DP, D é o núcleo que seleciona o NP como complemento do mesmo modo que o VP funciona como complemento para Infl. Temos assim uma relação argumento/predicado entre D e N no sintagma nominal e sujeito e verbo no sintagma verbal. Na sentença, os traços de número são interpretáveis no sujeito (argumento) e não interpretáveis no verbo (predicado). O mesmo acontece no DP: traços de número são interpretáveis no D (argumento de N) e não interpretáveis em N (predicado). (MAGALHÃES, 2004, p. 161)

Neste trabalho, visamos tratar do mecanismo de checagem de traços na estrutura DP adotando a proposta de Magalhães (2004) em que o número é um traço interpretado em D.

Na próxima seção, efetuaremos uma breve análise de dados referentes à língua portuguesa, ao inglês e ao italiano.

Análise de dados e aplicação teórica

Em termos gerais, o núcleo do DP em português pode manifestar-se por meio de um artigo, um pronome demonstrativo, um pronome pessoal, um pronome possessivo, um numeral ou ainda um elemento vazio.

Em português, podemos considerar a formação do plural como um processo morfologicamente regular, visto que o elemento pluralizador é sempre o arquifonema /S/, sendo suas realizações alternantes explicadas pela atuação de processos fonológicos variados. Gonçalves (2005) ressalta que a partir do modelo de Chomsky & Halle (1968) a formação do plural pode ser descrita por meio de uma única regra morfológica que ocorre pela anexação de /S/ à borda direita da base, seguida de várias regras fonológicas ordenadas intrinsecamente, como ocorre, por exemplo, nas formas terminadas em vogal. Neste caso, temos a anexação de /S/ à direita da base, $[X]_s \rightarrow [[X]_s\ S]_s$ pl., seguido do processo de silabificação, como a pluralização que ocorre no vocábulo *casas*, por exemplo.

Em termos sintáticos, a Gramática Tradicional (GT) considera que a marca morfológica de número é expressa em todos os constituintes do sintagma para se realizar a concordância nominal. Deste modo, Cunha & Cintra (2001) mencionam que os termos que dependem do nome concordam com ele em gênero e número. Com isso, artigos e adjetivos devem adaptar-se ao núcleo do sintagma nominal.

Por outro lado, a língua portuguesa apresenta diversos casos em que a concordância nominal não é realizada, sobretudo na oralidade. Deste modo, o elemento pluralizador ocorre no determinante em face de

sua ausência nos nomes em grande parte dos dialetos no Português do Brasil (doravante PB). Este fenômeno de variação linguística se tornou fonte de vários estudos de cunho sociolinguístico. Assim, ao tratar da concordância de número, Scherre (1994) considera:

> O fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos linguísticos nos quais a variação ocorre. Dos trabalhos realizados, conclui-se, portanto, que o fenômeno da variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação linguística inerente, tendo em vista que ocorre em contextos linguísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis. (SCHERRE, 1994, p. 38)

Neste estudo baseamo-nos em dados intuitivos do PB, do inglês e do italiano, a fim de apontarmos algumas semelhanças ou ainda diferenças robustas na marcação de concordância de número no DP. Mais especificamente, compararemos as três línguas com o intuito de evidenciarmos possíveis semelhanças e diferenças nos padrões de marcação de número, tomando por base a proposta de Magalhães (2004).

Na oralidade, observamos que, em sua variedade não-padrão, os falantes do PB não realizam a concordância de número em todos os itens do sintagma nominal (SN), conforme prescrito pela Gramática Tradicional (GT). Ao lado da variedade padrão, encontramos dados como:

(9) a. As menina bonita.
(9) b. Os carro vermelho.
(9) c. As carta antiga.

A partir dos dados acima, observamos que a marca de plural, presente somente no determinante, ocorre pelo fato de este carregar o traço de número interpretável, visto que há perda da flexão de número nos demais itens do sintagma nominal (SN). Neste caso, a realização fonológica manifesta-se no item que possui traço interpretável, ou seja, ocorre somente no determinante. No entanto, em inglês, a flexão de número não aparece no determinante, como explicitado para o português. Nesta língua, a marcação de número se dá no núcleo do sintagma, ou seja, realiza-se no nome, em face de sua ausência no determinante e no adjetivo, como exemplificado em (10):

(10) a. The beautiful girl**s**.
(10) b. The red car**s**.
(10) c. The old letter**s**.

Contudo, é possível assumirmos que os traços de número também são interpretáveis no determinante, visto que os demonstrativos *these* e *those* ocupam a mesma posição estrutural dos artigos em inglês, como se vê em (11):

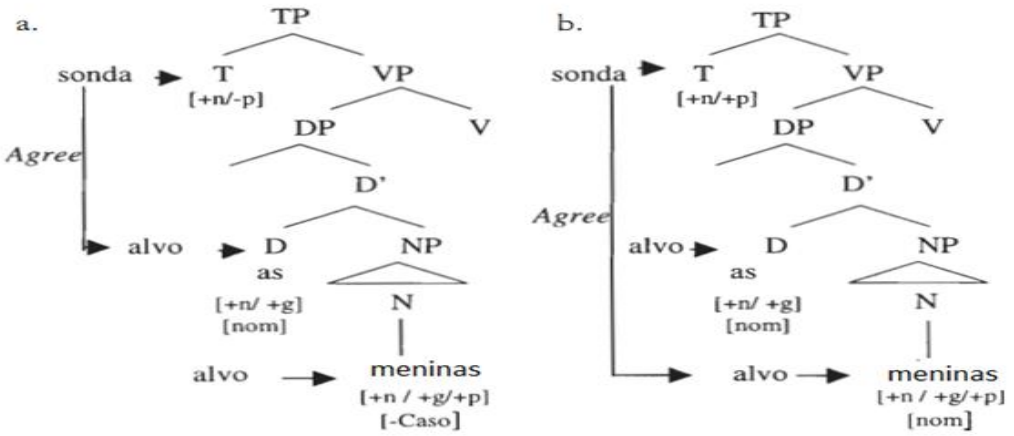
(11) a. **These** beautiful girl**s**. / **Those** beautiful girl**s**.
(11) b. **These** red car**s**. / **Those** red car**s**.
(11) c. **These** old letter**s**. / **Those** old letter**s**.

Portanto, em inglês, os artigos e os demonstrativos ocupam a mesma posição e possuem o mesmo status sintático, ou seja, ocupam a posição de determinante (D) e apresentam uma distribuição equivalente. Entretanto, diferentemente do inglês e da variedade não-padrão do PB, nota-se que o italiano preserva a flexão de número em todos os itens do sintagma nominal (SN). Nesta língua, a realização fonológica manifesta-se no item de traço interpretável e em todos os demais itens. Assim, o italiano apresenta uma marca morfológica redundante como a que ocorre na variedade padrão do PB em que todos os constituintes do SN são pluralizados, como nos exemplos expressos em (12):

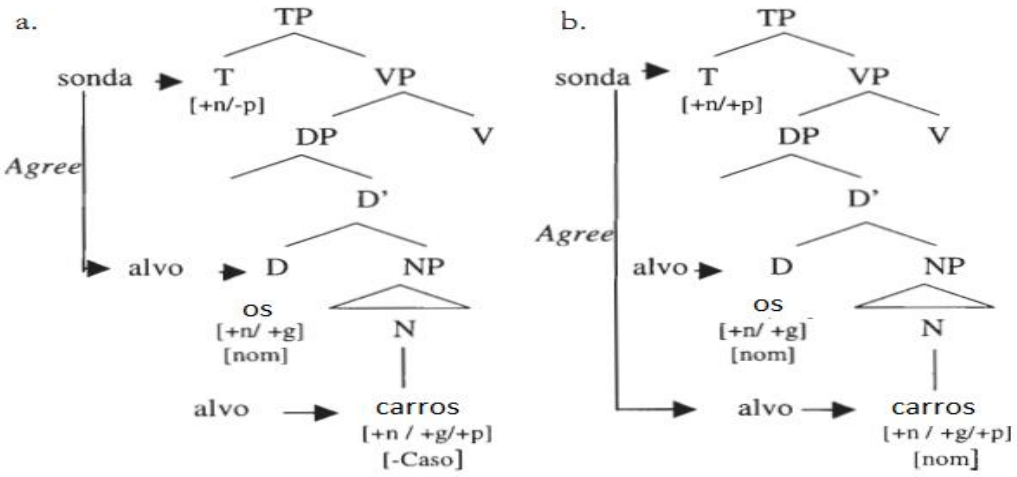
(12) a. **Le** bell**e** ragazz**e**.
(12) b. **Le** macchin**e** ross**e**.
(12) c. **Le** letter**e** antich**e**.

A partir dos dados do PB, do inglês e do italiano, descritos acima, torna-se necessário inseri-los no modelo de checagem de traços do Programa Minimalista. Para tanto, assumiremos a proposta de Magalhães (2004) para a checagem de traços no DP. A autora argumenta que os determinantes (D) apresentam traços de gênero não interpretáveis na estrutura DP e, portanto, precisam se juntar a um alvo que valore esses traços. Assim, o alvo mais próximo é o nome, que ao se combinar com D vai valorar também o traço de número, como ocorre nos dados do PB:

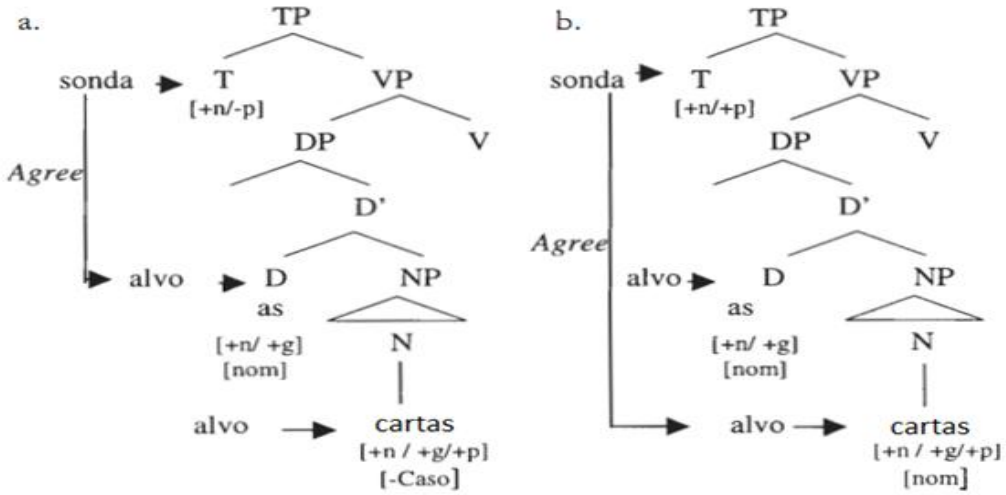
(13) a.


a.
TP
sonda
T
[+n/-p]
VP
DP
V
Agree
D'
alvo
D
NP
as
[+n/ +g]
[nom]
N
alvo
meninas
[+n / +g/+p]
[-Caso]
b.
TP
sonda
T
[+n/+p]
VP
DP
V
D'
Agree
alvo
D
NP
as
[+n/ +g]
[nom]
N
alvo
meninas
[+n / +g/+p]
[nom]

(13) b.

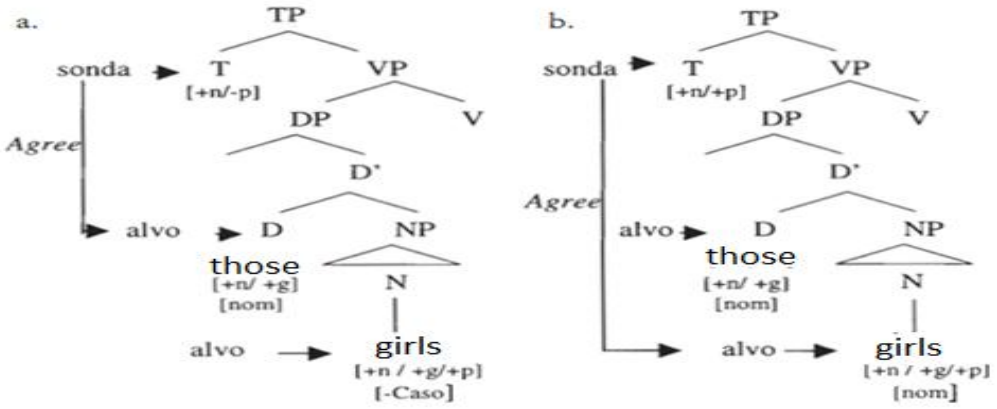

a.
TP
sonda
T
[+n/-p]
VP
DP
V
Agree
D'
alvo
D
NP
os
[+n/ +g]
[nom]
N
alvo
carros
[+n / +g/+p]
[-Caso]
b.
TP
sonda
T
[+n/+p]
VP
DP
V
D'
Agree
alvo
D
NP
os
[+n/ +g]
[nom]
N
alvo
carros
[+n / +g/+p]
[nom]

(13) c.

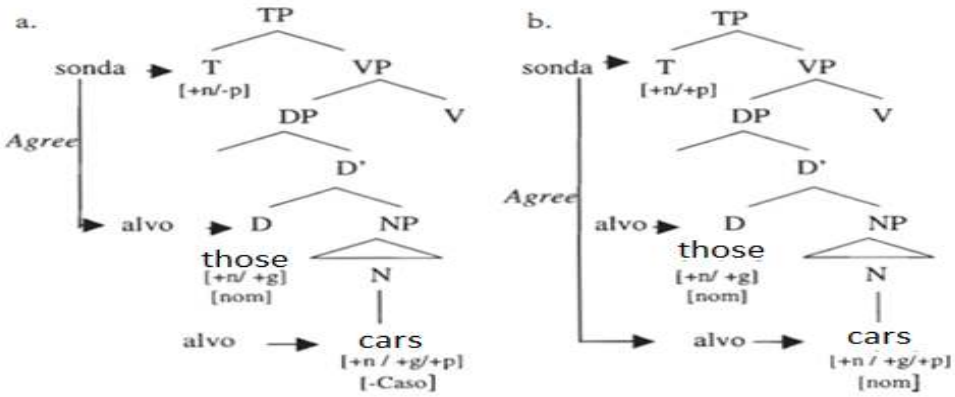

a.
TP
sonda
T
[+n/-p]
VP
DP
V
Agree
D'
alvo
D
NP
as
[+n/ +g]
[nom]
N
alvo
cartas
[+n / +g/+p]
[-Caso]
b.
TP
sonda
T
[+n/+p]
VP
DP
V
D'
Agree
alvo
D
NP
as
[+n/ +g]
[nom]
N
alvo
cartas
[+n / +g/+p]
[nom]

Nos exemplos apresentados em (13), podemos observar em **a.** que o determinante (D) apresenta o traço de número [+n] enquanto o nome possui os traços de gênero e pessoa [+g/+p]. Inicialmente, ocorre a derivação e D procura e estabelece a relação de concordância (*Agree*) com o alvo N, a fim de valorar simultaneamente seus traços de gênero e número. Em seguida, uma sonda (T) entra na derivação e busca cada elemento do DP, com o intuito de valorar o traço de caso, que, nos exemplos acima, será o caso nominativo. No entanto, na variedade não-padrão do PB, os traços de número de N são valorados quando D procura o alvo (N) e entra em relação de concordância (*Agree*). Deste modo, a derivação precisa ocorrer completamente para que não imploda (*crash*); porém, o traço de número não é representado morfologicamente no nome (N). Com isso, este traço não é apresentado na forma fonológica, sendo somente interpretado semanticamente, visto que já passou pela computação. De modo semelhante, em inglês a derivação é a mesma da variedade padrão do PB, como se vê em (14):

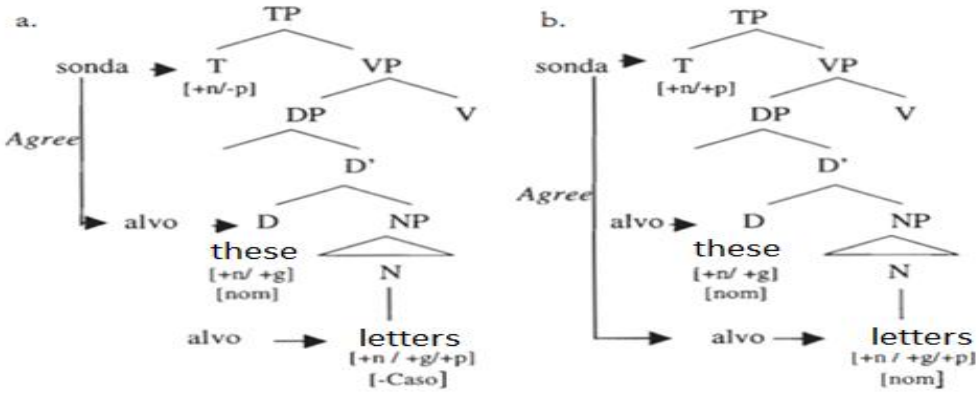
(14) a.



(14) b.

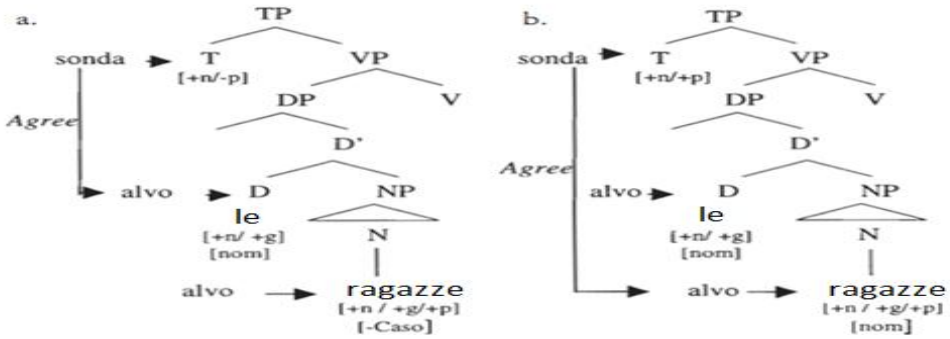


(14) c.

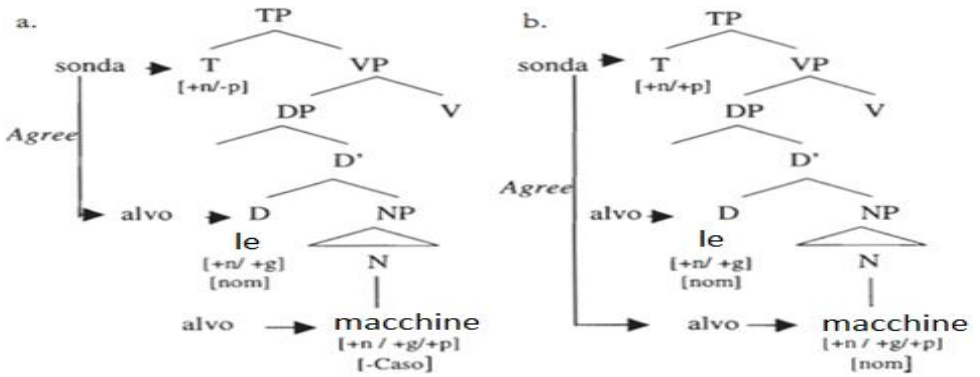


Neste caso, ao contrário da variedade não-padrão do PB, o traço de número é representado morfologicamente no determinante (D) e no nome (N). Dito de outro modo, durante a derivação o determinante (D) procura e estabelece a relação de concordância (*Agree*) com o alvo N, valorando simultaneamente os traços de gênero e número. Posteriormente, a sonda (T) entra na derivação e busca todos os elementos do DP, valorando o traço de caso nominativo. Assim como o inglês e a variedade padrão do PB, o italiano também apresenta marca morfológica redundante:

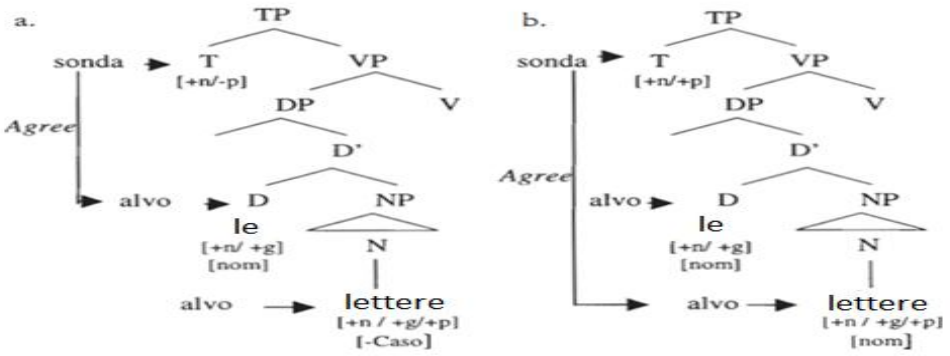
(15) a.



(15) b.



(15) c.



Em (15), observa-se que o traço de número é representado duplamente no sintagma nominal, aparecendo ao mesmo tempo no determinante (D) e no nome (N). Neste caso, o processo de derivação é o mesmo, ou seja, o determinante (D) busca e estabelece a relação de concordância (*Agree*) com o alvo N para valorar os traços de gênero e número. Em seguida, a sonda (T) entra na derivação e procura todos os elementos do DP, a fim de valorar o traço de caso nominativo. Note-se que em italiano não há opcionalidade, o traço de número é obrigatoriamente marcado no nome e no determinante.

Considerações finais

Este trabalho tentou mostrar a evolução do traço de concordância (*Agree*) até o sistema de checagem de traços de Chomsky (1999; 2001). Durante este processo evolutivo, *Agree* deixou de ser um nódulo e passou a uma operação que deve ser checada em todos os elementos do sintagma. Este estudo assumiu que o determinante (D) carrega o traço de número interpretável, como sugerido por Magalhães (2004) ao adotar a proposta de Chomsky (1999).

Comparando dados do PB, do inglês e do italiano, verificamos algumas semelhanças e diferenças entre as três línguas:

a) o fato de a realização da concordância de número em todos os itens do sintagma nominal (SN) ocorrer na variedade padrão do PB e no italiano;
b) variedade não-padrão do PB admite a marca de plural, presente somente no determinante (D), que se dá pelo fato de este carregar o traço de número interpretável, uma vez que há perda da flexão de número nos outros itens do sintagma

nominal (SN), ao contrário do que ocorre em inglês, pois quando um artigo ocupa a posição de determinante (D), a marcação de número ocorre no núcleo do sintagma, ou seja, realiza-se apenas no nome;

c) semelhantemente à variedade padrão do PB e ao italiano, é possível assumirmos que os traços de número também são interpretáveis no determinante (D) em inglês, uma vez que os demonstrativos *these* e *those* ocupam a mesma posição estrutural dos artigos e possuem uma distribuição equivalente nesta língua. Assim, o traço de número é representado morfologicamente no determinante (D) e no nome (N).

Neste estudo, assumimos que o modelo de checagem de traços proposto por Magalhães (2004) aplica-se muito bem à estrutura DP, em que o determinante (D) carrega o traço de número, como podemos observar nas três línguas analisadas. Na variedade não-padrão do PB, os traços de número de N são valorados quando D procura o alvo (N) e entra em relação de concordância (*Agree*). Porém, o traço de número não é representado morfologicamente no nome (N). No entanto, no italiano e na variedade padrão do PB, o traço de número é representado morfologicamente no determinante (D) e no nome (N). Neste caso, entende-se que durante a derivação o determinante (D) busca e estabelece a relação de concordância (*Agree*) com o alvo N, valorando simultaneamente os traços de gênero e número. Posteriormente, a sonda (T) entra na derivação e procura todos os elementos do DP, valorando o traço de caso nominativo.

Contudo, se assumirmos que os demonstrativos ocupam a posição de determinante (D) em inglês, o traço de número é representado em D e N, como ocorre em italiano e na variedade padrão do PB. Por outro lado, se admitirmos que os artigos ocupam a posição de determinante nesta língua, o traço de número realiza-se somente no nome (N). Entretanto, esta é uma peculiaridade da língua inglesa, já que os artigos e os demonstrativos, em princípio, disputariam a mesma posição estrutural, não podendo aparecer juntos na mesma sentença.

Referências

ABNEY, S.P. *The English noun phrase in its setential aspect*. PhD. Diss., Cambricdge (MA): MIT, 1987.

ALEXIADOU, cA.; HAEGEMAN, L.; STAVROU, M. *Noun Phrase in the Generative Perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2007.

CARSTENS, V. Concord in minimalist theory. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 31, n.2, 2000. pp. 319-355.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge (MA): MIT Press, 1995.

_____.Derivation by Phase. Reprinted in: Kenstowicz, M. (ed.) Ken Hale. *A life in language*, Cambridge (MA): MIT, 1999. pp. 1-52.

_____. *Beyond explanatory adequacy*. Cambridge (MA): MIT, 2001.

CINQUE, G. *Italian syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Linguistic Inquiry, 1995.

COENE,M.; HULST, Y. *From NP to DP*. In the syntax and semantics of noun phrases. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EMONDS, J. *A transformational approach to English syntax*. New York: Academic Press, 1976.

FUKUI, N. c& SPEAS, M. *Specifiers and Projection*. Manuscript, MIT Press, 1986.

GONÇALVES, C. A. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

HAEGEMAN, L. & GUÉRON, J. *English grammar: a generative perspective*. Cambridge (MA):Blackwell, 1999.

HORNSTEIN, N. *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Massachusetts: Blackwell, 2001.

_____; NUNES, J.; GROHMANN, K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of movement in syntax and LF. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 25, 1994. pp. 609-665.

MAGALHÃES, T.M.V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2004. pp. 149-170.

NOVAES, C.V. *Teorias da linguagem:* a gramática gerativa e as patologias da linguagem. II Fórum de Linguagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLSEN, S. AGR(eement) in the German Noun Phrase. In: BHAYY, LÖBEL, SCHMIDT (eds.). *Syntactic phrase structure phenomena in noun phrase & sentences*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1989. pp. 39-49.

POLLOCK, J. Verb movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, Summer, 1989. pp. 365-424.

SIMIONI, L. *Aquisição de concordância nominal de número:* um estudo de caso. Trabalho de conclusão de curso, UFRGS, 2004.

SCHERRE, M. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de língua portuguesa*, XII, 1994. pp. 37-49.

URIAGEREKA, J. *Derivations*. London/New York: Routledge, 2002.

[i] E-mail da autora: fernanda136@gmail.com